



SUBVERSÕES PEDAGÓGICAS E PRODUÇÃO DE ALIANÇAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Vitor Hugo Marani,

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT/CUA)

RESUMO

Neste texto, procurei entender as estratégias pedagógicas utilizadas para desafiar a estabilidade de gênero e de sexualidade na educação física, por meio do ensino da dança. Para tanto, utilizei da pesquisa narrativa com docentes homossexuais e de incursões autoetnográficas para interpretar essas ações pedagógicas. A partir da ideia de aliança, de Judith Butler, evidencio os modos pelos quais questionamos a heteronormatividade na educação física e ampliamos processos de reconhecimento social.

PALAVRAS-CHAVE: Heteronormatividade; Gênero; Sexualidade; Dança.

INTRODUÇÃO

Minhas experiências na educação física – desde as escolares, passando pela formação de professores e, posteriormente, como docente no ensino superior – foram repletas de disputas identitárias. Embora reconheça inúmeros privilégios por ser homem, cisgênero, branco e sem deficiência, meu corpo fora atravessado por leituras de gênero e de sexualidade que, de algum modo, desafiavam a estrutura – predominantemente, heteronormativa – da área. Isso acontecia, notadamente, por dois motivos: o meu interesse pela dança (e, não pelo esporte); e, a minha orientação como homossexual. Esses fatores, ao menos nos locais em que meu corpo era materializado, pareciam ser tomados como um insulto a um sistema altamente regulado que, discursivamente, instituía compreensões acerca do masculino/feminino, e, da heterossexualidade/homossexualidade (BUTLER, 2018).

Como palco de enquadramentos sociais de gênero e de sexualidade, busquei ao longo dessa trajetória na educação física, produzir movimentos – na/pela dança – que questionassem, como argumenta Butler (2019b), os limites discursivos do sexo, os quais

¹O presente trabalho contou com apoio financeiro do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPE), entre os anos de 2019 e 2020. Além disso, agradeço à orientação da Profa. Dra. Larissa Lara durante a realização da tese de doutorado “Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?”, defendida em fevereiro de 2021, na Universidade Estadual de Maringá (UEM).



deveriam ser incorporados e reproduzidos em atendimento à matriz de poder heterossexual. Essa ação, de modo intenso, foi concretizada em minha em minha pesquisa doutoral, à medida que, ao me mover – de maneira teoricamente informada – fui reconhecendo outros corpos homossexuais que eram culturalmente marcados à margem e que, constantemente, lutavam por processos de reconhecimento social na educação física e para além dela.

O reconhecimento de diferentes “outros” serviu como aporte para a estruturação de uma comunidade dialógica (FREIRE, 2018), fazendo com que os percursos investigativos indicassem não somente um encontro de narrativas, mas, a produção de *aliança*, como discutiu Butler (2019a). Dessas alianças, procurei entender as estratégias pedagógicas utilizadas para desafiar a estabilidade de gênero e de sexualidade na educação física, por meio do ensino da dança, (re)posicionando tais categorias como efeitos discursivos. Ainda, busquei destacar que, na e pela dança, é possível criar estruturas subversivas para que estudantes possam identificar e problematizar discursos que operam na produção da matriz heterossexual, oportunizando a produção de deslocamentos identitários, permitindo, como informa Butler (2018), a ressignificação dessas categorias.

METODOLOGIA

De cunho qualitativo, a investigação foi orientada pelos pressupostos da pesquisa narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2000), acrescidas de incursões autoetnográficas (SPRY, 2001) que buscavam potencializar experiências marginais no interior da dança, a partir dos elos entre as narrativas dos sujeitos e as minhas, borrando as fronteiras entre pesquisador/pesquisados. Para tanto, realizei entrevistas com nove docentes homossexuais da área da dança que atuam em cursos de educação física em universidades federais brasileiras, provido da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (03782918.5.0000.0104-UEM). Do contato com suas narrativas, pude revisitar as maneiras pelas quais as narrativas dos entrevistados tocavam minha subjetividade, desafiando meu corpo e (re)significando aspectos anteriormente inexplorados nas minhas experiências em dança.

Aliado a isso, passei a entender “nossas” – ao invés de “minhas” – ações pedagógicas como estratégias de negociação com o poder num espaço potencialmente político: a sala de aula. Com isso, evidenciei como nossos corpos contribuem para a produção de pedagogias subversivas à medida que identificamos, interpretamos e intervimos nas complexas relações

de poder materializadas na e pela dança, notadamente, a partir das questões de gênero e de sexualidade. Daí o texto ser estruturado em dois tópicos: o primeiro, retrato estratégias de negociação de gênero e de sexualidade na dança em suas ações pedagógicas; e, o segundo, destaque reflexões advindas do diálogo com Judith Butler para pensar a ideia de aliança e suas contribuições para um agir pedagógico apoiado na ideia de justiça social na educação física.

NARRATIVAS PEDAGÓGICAS: SUBVERSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE?

A incursão pelas narrativas acenou para os modos pelos quais os entrevistados operaram a partir do engajamento crítico para produziram estratégias que desafiassem a heteronormatividade. As materialidades pedagógicas em dança enunciadas pelos docentes demarcaram as seguintes negociações com as relações de poder: a) a produção de identidades subversivas que desafiam a heteronormatividade na educação física; b) as resistências frente aos processos de enquadramento social que emergem a partir de suas aparições públicas; c) o posicionamento dos seus corpos como centrais no processo pedagógico para desafiar gênero e sexualidade, d) a produção de proliferações subversivas em manifestações dançantes e, e) os usos de pedagogias públicas em dança para discutir gênero e sexualidade.

De modo geral, as maneiras pelas quais as identidades são produzidas retratam como a materialidade de corpos homossexuais na dança deslocaram enquadramentos evidenciados na educação física, bem como normas que sustentam ações de como ser “homem” na área. Ao se demarcarem como homens gays, espaços pedagógicos de discussão dessa temática serviram como possibilidade de reconhecimento, visibilidade e representatividade. Entretanto, esse processo não se deu livre dos riscos em “assumir-se” numa dimensão pública, porém, é a possibilidade de torna-se visível, como explica Butler (2019a), que se abre possibilidades para o reconhecimento social. Daí suas materialidades, feitas a partir do modo como seus corpos são interpretados, servem como aportes para esse posicionamento político na dança e na educação física.

Além disso, o reconhecimento do corpo como central no ensino da dança colabora com reflexões que reconheçam discursos que configuram experiências corporais em atendimento a forças particulares de poder. Como pedagogia crítica, tais conhecimentos conduzem estudantes à conscientização da dança como tempo-espço de denuncia à artificialidade de gênero e sexualidade, demarcando-os como “[...] *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (BUTLER, 2018, p. 235). Essa

percepção é vista a partir de ações em dança que questionam os papéis de gênero na cultura e na produção heterossexual em danças de pares, bem como na análise de produções midiáticas em dança (Dança dos Famosos, *Dancing Brasil*, entre outras), as quais atuam tanto na produção quanto na contestação de discursos de gênero e de sexualidade na dança.

PRODUÇÃO DE ALIANÇAS NA DANÇA: REIVINDICAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Em síntese, a dança, como conteúdo “fabricado” discursivamente na e pela educação física, conforme observei, pode ser reinterpretada a partir de enfrentamentos pedagógicos que denunciem a heteronormatividade. Como um “feito”, essas ações indicam a possibilidade de contestações e, como resultado, possíveis subversões nas fendas normativas que as constituem a partir de uma “reunião corpórea”, dada a partir dos laços de interdependência criados pelas nossas produções como sujeitos na educação física. Essa reunião – no sentido performativo e pedagógico – pode ser lida como recurso ético-político pela reivindicação de justiça e igualdade, como maneira de entrelaçar corpos em suas condições de precariedade, dadas as fronteiras discursivas que determinam as normas para o reconhecimento social na educação física.

Tais formas pedagógicas oferecem aportes para a compreensão de que corpos que desestabilizam estruturas sociais gênero e sexualidade, ao produzirem alianças por meio de experiências subversivas na dança, materializam ações que questionam a heteronormatividade na educação física. A reunião de nossos corpos, ao problematizarmos questões de gênero e sexualidade, mobiliza formas corporificadas de ação política que reiteram o poder das formas plurais de performatividade. E, esses atos, constituídos no ensino da dança, assumem o papel de reivindicar, como assinala Butler (2019a), as condições de possibilidade de aparição de outros corpos. Ao deslocarmos as normas de gênero e de sexualidade postas, primeiro aos nossos corpos e, depois, em nossas ações pedagógicas, estamos colocando em disputa o direito de aparecer, ampliando “[...] determinados tipos de performances de gênero no espaço público” (BUTLER, 2019a, p. 40).

Investir na aliança de corpos, como discutiu Butler (2019a), torna-se fundamental na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, não só em relação às questões de gênero e de sexualidade, mas em relação a outros marcadores sociais que hierarquizam vidas. Aliar-se a outros corpos, nesse sentido, é uma via política e coletiva necessária para o

(re)conhecimento das relações de poder que nos atravessam e fazem com que sejamos interpretados como alvos de discursos, práticas e instituições responsáveis pela reiteração das inúmeras normas sociais. Eis que propostas que contribuam para (re)imaginar novas direções para as relações entre dança e educação física constituem caminhos possíveis – longe de serem únicos – para a (re)construção de gênero e de sexualidade, denunciando desigualdade e injustiças produzidas no/pelo corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do acesso às narrativas de nove professores que atuam com dança na educação física brasileira, por meio de entrevistas, pude (re)conhecer as potencialidades de experiências em dança em meio a atravessamentos de gênero e de sexualidade. Ressalto a possibilidade de pensar os enfrentamentos pedagógicos como propostas que tensionem o poder social a partir da conscientização crítica e da criação de conhecimentos pautados na intervenção que desafie categorias sociais, como é o caso de gênero e de sexualidade. Ao atribuímos pontos de interrogação às relações de poder que operam na dança e ditam quais gêneros e sexualidades importam/pesam na sociedade, problematizamos quais corpos são tomados como legíveis (na dança e além dela) e, de modo pedagógico, desafiamos estruturas de poder à medida que nossos corpos dançam e ensinam dança, por meio da produção de alianças.

Em suma, visualizo nossas experiências pedagógicas em dança como produções de aliança na medida que utilizamos da sala de aula como equipamento público de aparição corpórea, em que nossos atos pedagógicos se instauram como materialidade discursiva que propõe novas possibilidades de gênero e de sexualidade na formação em educação física. Como plataforma de visibilidade, materializamos caminhos, mesmo que tímidos, para ações pedagógicas na dança que abram possibilidades, como propõe Butler (2019a, p. 39-40), de “[...] reconstruir a realidade de gênero de acordo com novas orientações”. Ao reconstruir gênero/sexualidade na dança como um ato político na formação em educação física, busco, inspirado em Butler (2019a, p. 40), “[...] permitir que a vida das minorias sexuais e de gênero se tornem mais possíveis e mais suportáveis”.

PEDAGOGICAL SUBVERSIONS AND PRODUCTION OF ALLIANCES IN PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

In this text, I sought to understand the pedagogical strategies used to challenge the stability of gender and sexuality in physical education, through teaching dance. Therefore, I used narrative research with homosexual teachers and autoethnographic incursions to interpret these pedagogical actions. Based on Judith Butler's idea of alliance, I highlight the ways in which we question heteronormativity in physical education and expand processes of social recognition.

KEYWORDS: *Heteronormativity; Gender; Sexuality; Dance.*

SUBVERSIONES PEDAGÓGICAS Y PRODUCCIÓN DE ALIANZAS EN EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Traté de comprender las estrategias pedagógicas utilizadas para desafiar la estabilidad del género y sexualidad en la educación física, mediante la enseñanza de la danza. Por tanto, utilicé la investigación narrativa con profesores homosexuales e incursiones autoetnográficas para interpretar estas acciones. Partiendo de la idea de alianza de Judith Butler, destaco las formas en las que cuestionamos la heteronormatividad en la educación física y ampliamos procesos de reconocimiento social.

PALABRAS CLAVES: *Heteronormatividad; Género; Sexualidad; Danza.*

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas:** notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

BUTLER, J. **Corpos que importam:** os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019b.

CLANDININ, J.; CONNELLY, M. **Narrative inquiry:** Experience and story in qualitative research. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.



CONBRACE
CONICE 2021
DE 12/09 A 17/12

Educação Física e
Ciências do Esporte
no tempo presente:

Defender Vidas,
Afirmar as Ciências

SPRY, T. L. Performing autoethnography: an embodied methodological praxis. **Qualitative inquiry**, [S. l.], v. 7, n. 6, p. 706-732, dez. 2001.

